

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 7 — Janeiro de 1904

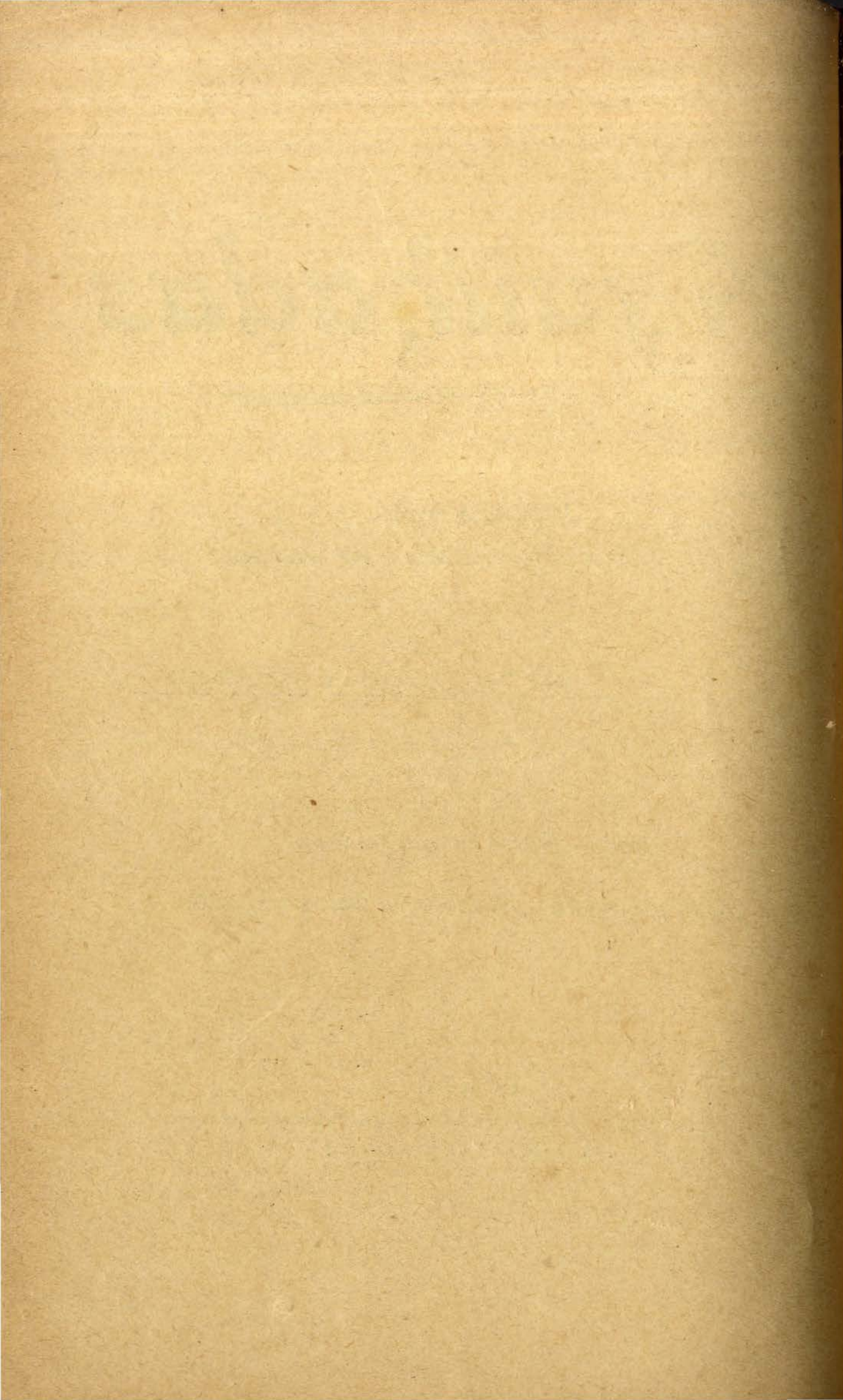
Editor — Alberto Ferreira das Neves

Administração: Avenida de Carreiros, 250

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178 — Rua de D. Pedro — 184



PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 7 — JANEIRO DE 1904

Summario

O partido republicano. O que elle foi, o que elle é e o que elle vale. A morte de Diniz Neves. Os republicanos d'outros tempos. Os direitos do homem e o bacalhau; Augusto Comte e o sr. Fontes. A influencia do *ultimatum*. O barrete phrygio e a mesa de pé de gallo. A sorte d'uma geração de revoltados: Diniz Neves, o seu partido, e as suas illusões. O programma da Republica. Os candieiros jacobinos, as ideias economicas e o Grupo Republicano d'Estudos Sociaes. O exemplo franquista. A boa-fé do sr. Bernardino Machado. Os tempos de Rodrigues de Freitas e os tempos d'hoje. Desillusões. — Os *Famintos*, romance de João Grave. A obra d'um jornalista. A vida dos pobres na litteratura. — *Um serão nas Laranjeiras*, de Julio Dantas e o *Pae*, de Strindberg. As ideias dos srs. Alberto Pimentel, Silva Pinto e João Chagas. Quem são esses senhores? As qualidades litterarias do sr. Dantas e os possiveis fracassos das suas peças. Lisboa pudica. A obra do sr. Pimentel nos canos d'esgoto. Posser, o busto de Antonio Ennes e a peça de Strindberg. O desalento dos crentes e a afflicção dos desconfiados. D'onde se prova que, no fim de contas, o sr. Pimentel teve razão. O sr. Silva Pinto e o monopolio da lagrima nacional. O sr. João Chagas «terrivel panfletario» e o sr. João Chagas «primoroso chronista». Conclusões.

No ultimo dia de Dezembro, enterrou-se no cemiterio civil do Prado do Repouso o corpo d'um homem novo que se chamava Diniz Neves, era formado em medicina pela Escola do Porto e dirigia um jornal republicano d'aqui, á data em que a doença inutilisou toda a aptidão do seu talento e toda a energia da sua vontade,

N'esse mesmo dia, um cavalheiro importante que se compraz nos seus ocios em sonhar com o advento d'uma Republica morigerada, pacata, séria e sem tolices, articulava em alta voz, n'um grupo semi-hostil em que eu estava, que, se fallasse á beira da campa d'aquelle morto, diria que, caso a vida animasse por mais tempo a porção de materia comprimida agora entre aquellas quatro taboas negras, Diniz Neves seria ainda um dia, no partido republicano, respeitado, pelo seu talento e pela sua honra, como o foi outr'ora Rodrigues de Freitas, hoje seu visinho em tumulo.

Desde logo objectei que me parecia pouco justa a afirmação e, como quer que no momento me fôsse vedado dizer largamente porquê, é isso que hoje cumpro, convicto de que a questão é bem naturalmente de publico interesse.

Diniz Neves pertenceu á geração academica do *ultimatum*, aquella portanto que viu e aclamou, com o seu ingenuo enthusiasmo, a eclosão do partido republicano em attitudes aguerridas, elle, o pobre e sympathico partido que até ahi não fôra mais que o privilegio de meia duzia de homens lidos e ainda poetas no meio da bandalheira utilitaria que os cercava. Meia duzia era essa da qual os homens publicos do regimen benevolmente sorriam, como nós sorrimos deante do nosso pequeno, quando, de chapéu de bicos e espada de folheta, ameaça bellicamente tomar d'assalto as aguas furtadas da casa em que vivemos, e é de crêr que o proprio monarcha fôsse capaz de lhes dizer, com um sorriso de malicia a correr-lhe os labios e com sua vontade de lhes sapatear com as costas da mão as panças eruditas :

— Com que então, seus revoltados, mais dia menos dia, é passaporte para as mãos, a coroa em terra, e... barra fóra?

E elles, com uma continencia militar muito rasgada e uma curva palaciana de quem ainda não esqueceu os ditames salutaes de João Felix :

— Faz-se por isso, real Senhor, faz-se por isso!

Após o que, continuariam citando os direitos do homem para provar a carestia dos generos alimenticios e a philosophia positiva de Augusto Comte para justificar soberanamente que era um pateta o sr. Fontes.

Ora o movimento de hostilidade á Inglaterra agitou o povo, e o partido republicano comprehendeu que era chegado o instante de crear e sustentar a todo o custo a massa dos adeptos do novo credo. E só então realmente elle se implantou na nossa terra. Até ahi, excepção feita das lucidas convicções dos dirigentes, elle não passava de qualquer coisa em que era interessante a gente filiar-se por exotismo. Acreditava-se na Republica como em D. Sebastião; seguia-se a crença democratica como agora, por mania, se podia seguir o espiritismo; encarava-se Latino Coelho e o barrete phrygio como hoje se poderia aturar o sr. Sousa Couto e a mesa de pé de gallo.

Depois, não: disse-se que o partido republicano tinha de ser um partido de acção, leram-se com ancia historias de revoluções sanguinarias, resolveu-se escrever Justiça, Egualdade, Direito e outras coisas com maiusculas; não por byzantinismo, mas porque o culto sincero que cada uma d'essas ideias (ou d'essas palavras) tinha assim o impunha; e essa geração academica, percorridos até ao fim os bancos das escolas, ou ficou nos grandes centros e abandalhou-se em grande parte

ou foi, ignorada, dispersa, para suas terras, com meia duzia de pasquins revolucionarios nas malas de viagem e a fé d'um ideal immaculado dentro d'alma.

Todos os dias esses pobres medicos e juristas, ignorados, nas suas aldeias longes, corriam ao telegrapho á espera da noticia de ter rebentado a republica nas capitaes, e todos os dias voltavam cabisbaixos a exercer a sua clinica ou a advogar as suas causas, scientes de que o rei de Portugal e dos Algarves, da Ethiopia e da Persia, etc., se já não tinha Ethiopias nem Persias, contava ainda com a fidelidade dos seus subditos, desde a fronteira da Galliza ás ultimas pontas do Algarve. E iam esperando sempre.

Diniz Neves foi um d'esses homens de fundas convicções e fé incorruptivel. A sua intelligencia certamente lhe afirmava que os expedientes dynasticos para a salvação d'uma terra decahida, mercê d'esses mesmos expedientes, mascarados com os simulacros d'um liberalismo de comedia, nunca poderiam ter um exito feliz, que o suffragio era uma burla, e a ignorancia uma ruina manietante que se cultivava pelo claro interesse dos que governam. E a solução racional e logica — a Republica — havia de lhe apparecer sempre como o ideal proximo em que, por um feliz acaso de redempção, nos lançaria em pouco tempo, com o accrescimo consecutivo de crises graves e a

tensão d'um estado d'animos crescente, a sequencia d'um regimen de loucuras.

Porque Diniz Neyes, que deixou, ao findar o seu curso, um partido republicano cheio de enthusiasmos e de fé, regorgitando de vida, esperava que, naturalmente, organisando-se e evolutindo, elle estaria hoje um agrupamento de homens firmes, capaz de se impor pela integra correcção dos seus processos e pela força respeitavel e respeitada que a si proprio, pelo seu mesmo esforço, se creara. Foi assim que, solicitado d'aqui, não hesitou em vir para o Porto dirigir um jornal do seu partido.

Não me é dado n'este lance escrever tudo o que corre, com todos os aspectos de verdade, com respeito á forma como alguns dirigentes do republicanismo local premiaram os seus esforços intelligentes para desempenhar, como effectivamente desempenhou, com inusitado brilho o encargo de que se incumbira. Nem por eu calar esses factos o publico decerto deixará de os conhecer e de os julgar. Mas fique já dito que o que mais indiscutivelmente parece garantir o seu fundamento é que elles vão em perfeito accordo com o logico proceder do partido que tem logrado afastar das suas fileiras militantes todos aquelles que, pelo seu valor intellectual, melhor mereciam occupar dentro d'ellas um papel predominante.

Quando aos republicanos cumpria a represen-

tação de todas as justas reivindicações dos descontentes, quando o partido podia condensar, melhor que qualquer outro, a mais pura e a mais fundada aspiração dos que cuidam, não menos que dos seus próprios interesses, do futuro abandonado d'uma nação exausta, quando o caminho se lhe abria sem entraves para seguir com brilho e honra — a intrigalha ferveu, as pequenas vaidades refilearam, os interesses d'um e d'outro vieram a lume, as rivalidades dos mais fizeram crise, e então a unidade do partido ficou n'uma mentira, a sua disciplina n'um problema, a sua acção — em nada.

Comtudo uma propaganda intelligentemente ordenada impunha-se. A conquista do povo rude estava feita e em oportuno ensejo, com os seus normandos e as suas exclamações e diatribes; era um trabalho educativo que se impunha, era uma defêsa seria de principios que se pedia. Do programma republicano sabe-se apenas que mette candieiros e baraços para dar cabo do sr. Navarro; das ideias economicas e sociaes d'esse partido pouco ou nada consta; do Grupo Republicano d'Estudos Sociaes ficou o nome.

O partido do sr. João Franco, apesar de todo o grotesco e todo o augurio mau que anda adstricto á figura do seu chefe, tem-se apresentado em Lisboa á roda politica a que, como partido monarchico apenas se dirige, n'uma serie de

conferencias sobre assuntos interessantes, versados por creaturas intelligentes que os tratam com brilho, pondo de parte o facciosismo politico que já não logra credito.

Os republicanos nunca intentaram nada de semelhante; fizeram a conversão do povinho com as notas da *Portuguêsa* e os berros dos tribunos e não cuidaram de mais coisa nenhuma. Na parte dirigente do partido ha uma maioria que assim quer e que assim manda; por isso, um a um, aquelles que divergem, os melhores, vão sahindo: desilludidos de ha muito dos monarchicos, elles vêem que os republicanos apenas lhe levam de vantagem a posse d'uns principios reconhecidamente justos, d'umas ideias incontestavelmente bellas, mas que, no fim de contas, se corrompem e desvirtuam como todas as ideias e todos os principios.

Quando se pede agora ao partido republicano militante um nome, elle atrapalha-se, diz baboseiras, mette os pés pelas mãos e muda de conversa. A boa-fé do sr. Bernardino Machado, empalmada ha pouco para brilho e lustre das hostes da Republica, vae a caminho d'uma nova desillusão na serie d'ellas que tem soffrido na sua vida publica o talentoso bom-homem.

Ser republicano é de resto coisa vulgar aos bons espiritos; ser do partido republicano é que o não é. Porque aquillo que de mais contradicto-

rio existe com os principios republicanos... é, na nossa terra de paradoxos, o proprio partido que as defende.

E' por isso que o morigerado e industrioso republicano diria mal se porventura fallasse á beira da campã de Diniz Neves. Os tempos de Rodrigues de Freitas não são os tempos d'hoje. Antes de subir ás supremas honras do seu partido, o director do *Norte* teria de se declarar incompativel com elle. A morte veio poupar ao seu espirito de justo uma profunda e desconso-ladora desillusão.

O auctor do romance *Os Famintos*, sr. João Grave, é um trabalhador, cheio de talento e de vontade, cujo esforço aturado e persistente por vezes altamente surprehende a nossa indolencia de madraços. Os trabalhos de jornalista, occupando a maior parte do seu tempo e consumindo dia a dia, ingloriamente, as suas esplendidas faculdades, são decerto o maior estorvo á factura d'uma obra d'arte irreprehensivel. Feita aos bocados, de fugida, n'uma hora que se aproveita em meio d'um trabalho intellectual ain-

da para mais, a obra puramente artistica de João Grave ha-de resentir-se sem duvida da sua irregular gestação, aos sobresaltos.

Claro exemplo do que afirmo é esse seu romance d'agora, revelador de qualidades soberbas, regorgitando de bellas coisas, pleno de interesse, palpitante de vida, mas ao mesmo tempo irregular, com desleixos de forma volta e meia, pequenas coisas que desagradam n'um conjuncto que não obstante se nos apresenta n'uma apreciavel unidade e n'um traçado geral correcto e firme.

Em meio de paginas arrancadas á vida com o escrupulo d'um observador irreprehensivel, apparecem figuras como a Luiza que se fôsem mais humanas não seriam menos puras. No proprio livro eu vejo um periodo que o auctor não deveria ter perdido de vista um só instante: é quando Antonio, na sua felicidade, se recorda «de que, se as almas humildes eram más, só a miseria as impellia á injustiça.»

A meu ver, ao livro falta sobretudo uma revisão cuidada e intelligente, não, é claro, uma revisão que eliminasse precalços typographicos que nada valem, mas que fizesse desaparecer — e fá-lo-hia sem custo — uma ou outra aspereza de forma, um ou outro pormenor que prejudica, se bem que não em grande escala, a logica harmonica de todo o entrecho.

Seria difficil, por exemplo, justificar a necessi-

dade de Luiza no prostibulo apparecer tysica, com rosetas nas faces, olhos de febre, golfando sangue, se, d'ahi a pouco, teriamos de vê-la feliz e remoçada, preparando cheia de fé a sua jornada longa pela vida. Não se vê bem o intuito de entrar com a hypothese vaga d'uma cura, duvidosa sempre, para a verosimilhança da novella correr sem perigo.

Pequenos defeitos são esses comtudo quando pela concepção geral a obra é bella e *Os Famin-tos* têm, sobre todas as outras, a qualidade de trazerem para a litteratura a vida dos pobres, tão esquecida na nossa arte e dentro da qual ha tanto drama intenso que o panno de fundo da miseria avulta n'um relevo tragico.

O livro de João Grave revela-nos sobretudo a sua bondade: apaixonando-se a valer pelas figuras que idealisa, mais do que observa, o romancista é capaz de as fazer soffrer, mas não as priva d'um destino de consolação fugaz embora. E a prova é que tudo no seu trabalho acaba em bem: a pobre Luiza, cahida na desgraça, redime-se pelo amôr e a propria Anna, arremessada pelas inconstancias da vida á ultima depravação moral, com os pródromos da loucura alcoolica, perdida sem remedio, recupera á hora de morrer a sua bondade antiga, com palavras de santa a sahirem da boca queimada ainda dos ultimos goles d'aguardente.

Os Famintos são ainda para mais um livro honesto, e isto, se não é tudo, é já bastante no meio do snobismo do nosso tempo.

O SR. Julio Dantas escreveu uma peça intitulada *Um serão nas Laranjeiras* a cuja representação no D. Maria nem a gerencia d'esse theatro nem o commissario regio sr. Pimentel puzeram contras, peça de que o publico não gostou na primeira noite e que a imprensa lisboeta recebeu com desagrado.

O sr. Silva Pinto, critico vetusto e lacrimigero n'umas pinguinhas de talento que manda diariamente para um jornal do Porto, aproveitou a occasião para dizer mal do sr. Dantas e do sr. Pimentel; e o sr. João Chagas, outro plumaz acatadissimo, estendeu a sua capa de magnanima misericordia sobre a cabecinha ôca do sr. Alberto Pimentel e atirou-se com sanha ao publico e á imprensa que deram palmas ás producções anteriores do sr. Dantas.

O mesmo supracitado sr. Alberto, para de qualquer forma compensar o erro que lhe lançavam em rosto, de não ter prohibido a representa-

ção da peça do sr. Dantas, impediu que fôsse á scena no theatro em que a sua voz impera o drama *Pae*, do norueguês Augusto Strindberg.

Eis o libello.

Figuram pois na baralhada acima exposta, quatro nomes: Dantas, Pimentel, Pinto e Chagas. Bom é que façamos a sua apresentação em separado, simultaneamente averiguando as culpas e virtudes que a cada um competem na complicada questão que se deslinda.

Não conheço *Um serão nas Laranjeiras* e são varias e contradictorias as razões do insuccesso apontadas pela critica das folhas. Quanto ao publico, que aliás tem enchido em successivas recitas da peça a sala do theatro, já está averiguado que o que offendeu, ao principio, a seus pudicos escrupulos foram certas passagens da comedia, expostas com menos conveniente recato aos olhos innocentes das donzellinhas de Lisboa. Pelo que as ditas donzellinhas são muito capazes amanhã de ser perversas e fazer da capital portugêsa, hoje tão conhecida e conceituada pela candidêz patriarchal dos seus costumes, uma nova Sodoma dissoluta. Tudo isso pelos maleficios d'um auctor de peças sujas e pela falta de criterio, pudor e energia de quem as deixa trepar a scenas limpas.

Se o sr. Dantas reincidir na feitura de peças pouco honestas, dentro em breve terão as pessoas sérias o desgosto de ver os conselheiros da cidade cocufeitos e as lindas mulherinhas respectivas a mostrarem a meia de seda e a frequentarem *ateliers* de duas portas ou bairros de miseria, com as carruagens brazonadas á espera, ao virar da mais proxima esquina. Se o sr. Dantas ateimar em corromper Lisboa, arrancando-lhe os veus austeros de moralidade que a illustram, o *Carnet* do *Illustrado* ficará susceptivel de se anotar com escandalo nas recepções mundanas e nas chegadas e partidas dos nomes mais em voga, e as altas damas descarriladas (em comboio especial) a quem as outras pudibundamente voltem costas, poderão encher de veridicos e edificantes informes pasquins de revindicta. Se a arte do sr. Dantas não fôr expropriada por utilidade publica, teremos dentro em pouco uma Lisboa corrupta, uma Lisboa outra, a esgotar as edições do sr. Gallis, a regar com *Champagne* em gabinetes, as ceias de mariscos e a pedir *cancan* nos intervallos.

Por banda da moralidade da sua obra já os senhores vêem o mal que d'elle pode vir a essa casta noiva que se chama Lisboa, cuja pureza immaculada bem merecia uma ornamentação a flores de laranjeira, com sua grinalda na estatua equestre de D. José e outra na figura frontal do Municipio.

Pelo que toca ao aspecto puramente litterario de producções de tão nefastas e provaveis consequencias, manda a verdade dizer que ellas revelam uma das melhores e mais completas organizações litterarias d'hoje no nosso meio. Se alguém tem afastado o auctor illustre dos *Crucificados* do verdadeiro caminho é essa mesma gente de Lisboa que, deante da nudez das suas peças, agora esconde o rosto com vergonha.

O sr. Julio Dantas, tinha, a meu ver, um modo de aproveitar com exito os predicados artisticos que o exornam: era escrever os seus trabalhos em verso. A *Ceia dos Cardeaes* devia tê-lo convencido de que o verso garante sempre meio successo a uma obra de theatro. E a prova é que essa farinha de pau insonsa que se chama *A Madrugada* ainda tem muito boa gente que a applauda.

Se não se escudar com a protecção do agrado inevitavel das rimas, o sr. Julio Dantas, baldeando-se entre as exigencias do seu requintado bom gosto de homem de letras e as preferencias tolinhas de publicos, artistas e emprezas, corre sempre o perigo de desairosas consequencias.

Ora, no que respeita ao sr. commissario regio Alberto Pimentel o caso é outro. Este sr. é uma creatura que durante umas dezenas d'annos tem

posto em brochuras sem conta os dejectos que, lançados á fossa de sua casa, apenas poderiam trazer como perigosa consequencia uma infecção na vizinhança. Não quer isto dizer que os detritos do genio d'este cavalheiro sejam pouco depurados em questão de limpeza. A infecção, a dar-se, era d'asneira.

O passado litterario do sr. Pimentel é uma salganhada de ultra-romantismo insipido, parodias a folhetins e biographias de grandes homens que em vida o aturaram e a quem elle, com uma ingratição revoltante, pagou d'esta maneira.

O governo escolheu-o criteriosamente para fiscalisar em seu nome o theatro normal e sua ex.^a, depois de consentir sem protesto que o divertido sr. Posser puzesse no atrio o busto de Antonio Ennes, prohibe que se represente uma peça de Strindberg.

Essa peça é a tragedia *Pae*, uma das primeiras do moderno theatro do norte, e em que o extraordinario poder creador de Stindberg nos apparece com raro brilho n'uma das figuras de mulheres extraordinarias que com frequencia vemos na sua obra, propositalmente contrapostas, segundo alguns, ás mulheres superiores dos dramas d'Ibsen.

Corre que o sr. commissario declarou, em defesa da sua façanha de valente, que «a peça desalentava os crentes e affligia os desconfiados». Ora o drama traz, a cada passo, a affirmação de que

nunca com segurança se pode garantir uma paternidade e é mesmo sobre essa duvida que a acção se desenrola entre episodios e situações cuja intensidade perturbante nos subjuga.

O sr. Pimentel viu longe e — má-lingua á parte — justo é que se diga que não viu extremamente mal. Com effeito, os maridos que á peça fossem, crentes na authenticidade da sua prole, começariam a descobrir nos olhos d'um pequeno o mesmo doce piscar do trintanario e os que, sendo pacatos, já andassem desconfiados da inclinação concupiscente do rapazote do lyceu para as cozinheiras, suariam de afflictos ao ver alli, sem tirar nem pôr, n'aquelle supposto rebento do seu amor conjugal, as tendencias libertinas do primo da senhora.

As lamentaveis consequencias estão-se a ver. Desalentados os crentes e afflictos os desconfiados, estabelecer-se-hia um estado anarchico de paternidades que o proprio Codigo Civil não poderia levar a bem. É certo que a honestissima Lisboa garante com a sua austeridade de modos e principios a paternidade de todos os seus filhos, mas a auto-sugestão é uma coisa que tem dado agua pela barba aos psychologos mais finos e o sr. Pimentel prudentemente não deseja metter o nariz em coisas d'essas.

E no fim de contas, para que precisamos nós

de Strindberg? Pois não nos chega ás maravilhas o sr. Lopes de Mendonça?

Andou como um catita, o commissario.

É d'isso, porém, que o sr. Silva Pinto nem á mão de Deus padre, deixa convencerem-se os seus constantes e dedicados leitores de Cerva e de Mondim. Comtudo as ironias do sr. Pinto com referencia aos srs. Dantas e Pimentel justificam-se de sobra porque, em primeiro logar, o auctor de *Um serão nas Laranjeiras* tem fama de creatura immensamente triste e o sr. Pinto quer de ha muito ter o monopolio da lagrima nacional, e, em segundo logar, o sr. commissario regio sugou da memoria de Camillo tres grossos volumes com divagações sobre o homem de letras, os namoros e os netos, ao passo que o sr. Pinto apenas pôde aproveitar meia duzia de cartinhas compostas em typo de taboleta para darem materia d'um folheto. É tudo resentimento de official do mesmo officio ou pouco mais.

Entra agora na baila o sr. João Chagas, não um que foi, no dizer das folhas «terrivel panfletario», fez revoltas no Porto e passou tor-

mentos d'além-mar em Africa, mas um outro de flôr na botoeira, elegante, mundano e fino, que se dá muito com o sr. conde de Arnoso e escreve em ligeiro estylo umas chronicas que os leitores do *Janeiro* devoram como iguaria de raro preço. O snr. João Chagas tem a habilidade de pôr n'um estylo animado e novo as ideias sobre arte, costumes e litteratura d'um negociante de secos e molhados. D'ahi resulta incontestavelmente o seu successo para o publico que lê á hora do almoço o importante jornal d'esta cidade.

Quando se inaugurou o monumento a Eça de Queiroz e houve quem recordasse com justificada magua que Camillo, o maior de todos, não lograra ainda identica honraria, o sr. chronista Chagas repontou com ares altivos, dizendo que, como os amigos do auctor do *Mandarim* tinham feito a homenagem ao seu idolo, assim os admiradores do nosso primeiro romancista, em vez de se entregarem a platonicas divagações, a conseguissem. E o sr. Chagas, que sabe perfeitamente que coisas d'essas, por subscrição publica, n'um meio por educar como o nosso, não logram exito, não reparou que, pelas suas theorias, só os grandes homens com amigos ricos e influentes poderiam attingir essas culminancias de civica consagração.

Agora o sr. Chagas entende que o sr. commissario regio não tem culpa na representação da

peça do sr. Dantas (a quem não obstante o sr. chronista nunca tolerou) porquanto o renome que ao dramaturgo a opinião publica formou havia de forçosamente manietar o seu censor. Isso equivale a dizer que ao sr. Pimentel reconhecida-mente falta a energia para o estricto cumprimento dos deveres que lhe incumbem. Se o representante do governo apenas tem de julgar, em auctores já conhecidos, pelo maior ou menor apreço em que a imprensa teve as suas anteriores laborações, então o cargo, de rudimentarissima estatistica, bem poderia mais economicamente ser entregue a um comparsa do theatro ou a um continuo de repartição, nas horas vagas. N'esta questão — desenganem-se os meus amigos — ou se ha-dê defender o sr. Pimentel, na parte referente á peça representada, achando esta bem feita ou se ha-de perguntar com justiça para que serve o sr. commissario regio se de razão de julgar muito má a recente obra do sr. Dantas.

Comprehende-se porém que o sr. Chagas dê em sympathizar com o sr. Pimentel depois da prohibição da peça de Strindberg, producto d'essa litteratura do norte da qual o chronista do *Janeyro*, mau grado seu, nunca conseguiu perceber coisa nenhuma. Essa reluctancia, extranha deveras em tão arguto espirito, tem levado o pluminativo a proferir heresias sempre que o anjo do

mal lhe empurra a penna para o esquivo assunto. Deve ser essa a occulta razão da sua chronica:

Ora, de tudo isto, muito a sério, se conclue o seguinte:

1.º — Que, se a peça do sr. Dantas tem defeitos (mais uma vez declaro que a não conheço) não foi por elles que lhe pegou o desagrado publico, mas sim em virtude d'uns escrupulos de moral, um todo-nada grotescos n'uma cidade de provincia e de estostrar a rir na capital.

2.º — Que o sr. Alberto Pimentel, se prohibiu a representação d'uma peça de Strindberg no D. Maria, veio dar mais uma prova da sua debilidade mental, prova que ninguem seria capaz de lhe pedir, de tal forma está já no animo de todos a crença na lastimavel mingua de recursos intellectuaes d'esse senhor.

3.º — Que os srs. Silva Pinto e João Chagas, fallando do incidente, mostraram com exuberancia que continuam a merecer as sympathias dos seus leitores assiduos, respectivamente com poiso em Cerva e Mondim e na burocracia respeitavel e grosso commercio d'esta praça.

4.º e ultimo — Que, como o sr. commissario regio junto do Normal tem de analysar as peças

e formular os seus juizos encarando-as sob multiplos aspectos, o que talvez lhe não permitta ser assaz meticoloso, em algum d'elles e muito principalmente no da moralidade e são costumes, e como, por outra banda, nas regiões do mando vegetam ainda muitos protegidos sem emprego e a inventiva dos bons logares é quasi exhausta,— deve o governo de Sua Magestade haver por bem a criação d'um logar de commissario regio junto dos hymens da capital.

E nada mais.

As AGUILHADAS apparecem
em volumes de 16 a 32 paginas,
ao preço avulso de 50 réis.

**Assignatura annual (pagamento
adeantado) 500 réis.**

Por motivos alheios á vontade
do auctor d'esta publicação não
sahiu o numero correspondente
a Dezembro ultimo. Isso porém
não prejudica de modo algum os
snrs. assignantes cujo anno se-
rá naturalmente constituido pela
serie completa dos 12 numeros.